



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV**

**ADRIANA RIBEIRO DE SOUZA
ALAÍS LIMA DE OLIVEIRA**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA?
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM A *COR DA TERNURA* DE GENI
GUIMARÃES**

Jacobina- Bahia

2015

**ADRIANA RIBEIRO DE SOUZA
ALAÍS LIMA DE OLIVEIRA**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA?
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM A *COR DA TERNURA* DE GENI
GUIMARÃES**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima

Jacobina- Bahia

2015

**ADRIANA RIBEIRO DE SOUZA
ALAÍS LIMA DE OLIVEIRA**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA?
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM A *COR DA TERNURA* DE GENI
GUIMARÃES**

Monografia submetida à aprovação do corpo docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em: _____/_____/_____

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a. Elizabeth Gonzaga de Lima – Orientadora
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a. Denise Dias de Carvalho Sousa
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^a Ma Patrícia Vilela Silva
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

São tantos, e tão especiais...

Ao nosso Deus que com seu infinito amor nos guia, nos protege, nos encoraja nas horas de obstáculos e indefinições.

Aos nossos pais que precisaram em muitos momentos de suas vidas renunciarem os seus sonhos, para os que os nossos fossem realizados e nos despertaram para a vida e para o valor da educação.

Esposos por demonstrarem companheirismo, paciência, cooperando afetivamente para a realização deste sonho.

Irmãos e demais familiares, por estimularem a continuidade de nossa formação e nos apoiarem nos momentos de desânimo.

Amigos e colegas da faculdade por vivenciarem momentos de aprendizagens significativas para as nossas vidas.

A nossa orientadora de estudo, Prof.^a Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima, por compartilhar, generosamente seus saberes e domínio sobre o tema e demonstrar interesse em nos motivar nos momentos de inquietações e busca.

A todos os professores do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia, por terem contribuído para a nossa formação acadêmica.

A Universidade do Estado da Bahia pelo acolhimento e pela possibilidade de nos proporcionar momentos significativos de experiências.

Os nossos sinceros agradecimentos,
Adriana Ribeiro de Souza
Alaís Lima de Oliveira



(...) Crescer é ampliar os relacionamentos: grupos de colegas, escola. E quando o novo grupo enxerga apenas o visível?

A menina pouco sabia de como as pessoas são diferenciadas. Sabia sim, pelas histórias de Vó Rosária que descendia de seres bons, simples, humanos e religiosos.

Pela voz dos brancos conheceu outra história: seus ascendentes eram sem vontade, bobos, imbecis, covardes que só serviam para a escravidão.

Negritude se apaga? E se esfregasse na perna tijolo triturado, mistura certa para retirar o carvão fundo das panelas? O sangue jorrou quente, vermelho da cor da vida, da liberdade e da consciência da desigualdade dos homens.

Crescer negra num lugar onde o branco substitui o preconceito pelo paternalismo.

O tamanho certo da vontade de lutar pode ser medido pela extensão dos braços da mãe?

(GUIMARÃES, 1994)

RESUMO

O objetivo da investigação é analisar a obra *A Cor da Ternura*, de Geni Mariano Guimarães (1994), como possibilidade de representação da literatura infantil afro-brasileira, em virtude dessa literatura romper com padrões e valores eurocêntricos e hegemônicos que marcaram, ao longo do tempo, a literatura infantil brasileira. A superação do preconceito e exclusão, que permearam a infância da personagem protagonista, mostrou-se como elemento estruturador para a formação da identidade de Geni e ponte para a construção da consciência de si e de sua autoestima. O exame dos aspectos históricos, ideológicos e socioculturais mostrou-se essencial para a elaboração da pesquisa, visto que influenciaram e continuam a influenciar o processo de constituição de uma literatura infantil afro-brasileira caracterizada como uma literatura formativa e de denúncia, em virtude de retratar as marcas de opressão e exclusão sofridas pelo povo negro e/ou afrodescendente, mas acima de tudo por desenvolver ludicamente a formação identitária da criança negra.

PALAVRAS – CHAVE: Literatura infantil afro-brasileira. Criança negra. Identidade.

ABSTRACT

The goal of the research is to analyze the work *A Cor da Ternura*, by Geni Mariano Guimarães (1994), as a possible representation of the African-Brazilian children's literature, because this kind of literature breaks away from Eurocentric and hegemonic patterns and values that marked Brazilian children's literature along the time. Overcoming prejudice and exclusion, which permeated the childhood of the protagonist character, was shown as a structuring element in the formation of Geni's identity, and as a bridge for the construction of self-consciousness and self-esteem. The examination of the historical, ideological and socio-cultural aspects proved to be essential for the development of this research, as it has influenced in the past, and continue to influence the process of constitution of an African-Brazilian children's literature characterized as a formative and denunciative literature, owing to portray the oppression of brands and exclusion suffered by black people and / or African descent, but above all to playfully develop the identity formation of black children.

KEYWORDS: African-Brazilian children's literature. Black children. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1	CAPA DO LIVRO: A <i>COR DA TERNURA</i>.....	36
-----------------	--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E A CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA	13
1.1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E LITERATURA INFANTIL.....	13
1.2 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO DE SUA FORMAÇÃO	18
1.3 CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA	23
2. A COR DA TERNURA: UMA REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA	30
2.1 QUEM É GENI? PRIMEIRAS LEMBRANÇAS	30
2.2 GENI EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE	35
2.3 TRAÇOS DA LITERATURA INFANTIL AFRO- BRASILEIRA EM A <i>COR DA TERNURA</i>	43
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Existe uma literatura infantil afro-brasileira? A princípio responder a esta questão pareceu-nos simples, entretanto, ao longo da investigação, percebemos que se trata de uma análise ampla, que exigiu um diálogo constante com o contexto histórico e sociocultural, que marcaram e continuam a marcar a sociedade brasileira no entre séculos e que contribuíram para a constituição desta linha de ruptura na literatura.

Os estudos sobre literatura infantil afro-brasileira são recentes e nascem dos desdobramentos de discussões e discursos os quais vêm em forma de reflexão ou até reivindicação na contemporaneidade, de determinados grupos que buscam a desconstrução de valores ideológicos tradicionais que marcaram os espaços e as relações sociais no Brasil, na tentativa de reafirmar uma identidade nacional e étnica.

Entretanto, alguns desses estudos não têm sido suficientes para responder algumas questões que legitimam a autonomia desta linha literária tão atual. As discussões têm sido basicamente pautadas na designação “infantil” e “afro-brasileira”. Seria esta uma literatura voltada especialmente para a criança negra? Quais são as suas características? O que a difere da literatura infantil não afro-brasileira? Qual o perfil de seus autores?

É consenso que o livro infantil funciona como um dos elementos que contribui para a formação da criança e desde seu surgimento a relação com a infância tem assumido diferentes objetivos ao longo do tempo: Forma de absorção pelas crianças dos padrões ideológicos e comportamentais estabelecidos pela sociedade em diferentes contextos, como fins de educá-las moralmente e entretê-las.

As histórias de fadas, castelos, bruxas, animais falantes, todos esses personagens ganharam “vidas” e passaram a integrar o universo das crianças, exercendo inclusive, forte influência na formação de sua identidade, uma vez que muitas destas crianças se viam representadas ou se identificavam com o perfil de um destes e de outros personagens, que permanecem presentes até hoje no imaginário de crianças e adultos de todo o mundo.

O interesse acerca dessa temática foi suscitado pelas discussões feitas ao longo das aulas do componente curricular Literatura Afro-brasileira, do curso de Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia. Uma das questões que nos inquietou residia na predominância de personagens brancos nas histórias para as crianças, levando-nos a questionar a hegemonia da cultura eurocêntrica na literatura infantil brasileira e, concomitantemente, nos impulsionou a investigar sobre a existência de uma literatura infantil

afro-brasileira que abarcasse a valorização da história e da cultura negra e que contribuísse para a construção identitária da criança negra.

A partir das leituras de textos que tratavam da literatura negra e da literatura infantil afro-brasileira, propriamente dita, verificamos que a condição do negro em algumas produções infantis, em sua maioria, é inferior a do branco. O negro foi visto de maneira estereotipada, subalterna, depreciativa ou em situação de humilhação. Neste sentido, percebe-se que o preconceito racial, evidenciado na produção literária infantil tradicional, manifesta quase sempre uma luta entre o bem e mal, sendo que o negro na maioria das vezes vem representar o mal, e em contrapartida enaltecendo a figura do branco, que representa o bem.

Com essa configuração tradicional da literatura infantil, as crianças, como público receptor dessas publicações, vão construindo referenciais de acordo com as histórias que lhes são apresentadas, portanto, as crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles quais se deparam nos livros infantis, conseqüentemente, a criança branca se sentirá valorizada, superior com relação à criança de outra etnia. A criança negra alimentará a imagem de que são inferiores e possivelmente rejeitará tudo aquilo que se assemelhe ao universo negro, sua história e sua cultura.

Atualmente, com o desdobramento de discussões e das lutas do movimento negro em busca pela afirmação de sua identidade étnica e da publicação da Lei 11. 645/2008, que altera a LDB nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, começa a surgir uma literatura com aspectos que contemplam a história e a valorização do negro, sendo a literatura infantil afro-brasileira uma das representações desta perspectiva.

Diante do exposto, na tentativa de responder sobre a existência de uma literatura infantil afro-brasileira, organizamos nosso trabalho, em 2 (dois) capítulos, subdivididos em três tópicos cada um.

O primeiro capítulo intitulado *Literatura infantil brasileira e a constituição da literatura infantil afro-brasileira*, com os seguintes tópicos: *Concepções de infância e literatura infantil*, *Literatura infantil brasileira: Breve histórico de sua origem e formação* e *Constituição da literatura infantil afro-brasileira e sua contribuição na formação identitária da criança*.

Para esboçarmos este primeiro capítulo, partimos do princípio de que discutir a existência de uma literatura infantil afro-brasileira nos remete a uma análise inicial sobre a concepção de infância e sua relação com a obra infantil, procurando compreender como a

criança e a infância é concebida, em contextos que se pensava uma produção literária, específica para elas. Além disso, apresentamos um breve histórico da origem da literatura infantil no Brasil, analisando como se constituiu como literatura e qual o contexto sociocultural, influenciou na sua formação, buscamos ainda uma resposta a partir de reflexões e posicionamentos acerca da constituição da literatura infantil afro-brasileira, procurando evidenciar a sua contribuição na formação identitária da criança.

O segundo capítulo intitulado *A cor da ternura: Uma representação da literatura infantil afro-brasileira* divide-se nos tópicos: *Quem é Geni? Primeiras lembranças, Geni em busca de sua identidade* e *Traços da literatura infantil afro-brasileira em a cor da ternura*.

Neste segundo e último capítulo, apresentamos a obra *A cor da ternura* (1994) da autora Geni Mariano Guimarães, como possível representação de uma literatura infantil afro-brasileira, ressaltando a trajetória da autora, como escritora negra e, ao mesmo tempo, personagem protagonista da história.

É possível, a partir da análise dessa narrativa, perceber um discurso que se diferencia daqueles tradicionais clássicos da literatura infantil, pois a criança negra assume um papel de sujeito e protagoniza sua vivência pautada na história e na valorização da sua própria cultura.

Mediante a exposição dessas questões, iremos compreender que a discussão sobre a literatura infantil afro-brasileira é muito mais ampla do que imaginamos, pois além de trazer consigo a designação *infantil*, traz também *afro-brasileira*, o que sem dúvida possibilitará profundas e instigantes reflexões.

1 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E A CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

Apesar de já existir um campo bastante significativo de estudos nas áreas de pedagogia e de letras acerca da literatura infantil brasileira, tal estudo nos possibilita enxergar um leque de possibilidades que nos permite um olhar investigativo a respeito do surgimento e desenvolvimento dessa literatura destinada ao público infantil no Brasil, sua relação com o receptor a qual se destina, neste caso, a criança em diferentes contextos históricos e sociais.

A partir da apresentação e análise de algumas questões que representavam o contexto social e cultural do Brasil, no início do século XIX, momento em que começa a surgir às primeiras publicações destinadas ao público infantil no país, iremos perceber algumas concepções e entraves que colaboraram para que a literatura infantil se consolidasse e ganhasse maior notoriedade, na sociedade atual.

Outra literatura que tem ganhado espaço no âmbito das universidades e da educação de modo geral, é a literatura afro-brasileira, que recentemente vem desencadeando e direcionando discursos voltados para a literatura infantil afro-brasileira. Esta última em relação à literatura infantil brasileira vem sendo constituída nos últimos anos e ganhando maior êxito no campo literário brasileiro, sobretudo, em função de seus adjetivos, *infantil e afro-brasileira*.

A literatura infantil afro-brasileira abre um caminho para um novo olhar em direção às questões da diversidade presente em nosso país, priorizando as relações étnico-raciais, abrindo possibilidades para a criança negra se ver representada e valorizada, além disso, essa literatura vem romper com um modelo literário com valores eurocêntricos demarcados e que imperou durante séculos o imaginário de crianças e adultos.

1.1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E LITERATURA INFANTIL

Ao tratar da ideia de infância é importante destacar que muitos autores têm-se debruçado em estudos na tentativa de resgatar as concepções de infância na história da humanidade. Entretanto, de modo geral, muitos destes estudos revelam que alguns autores compartilham da ideia de que crianças sempre existiram desde os primeiros registros da humanidade, porém o sentimento de infância, a preocupação em preservá-las, protegê-las,

regulá-las e separá-las do mundo dos adultos, são ideias que vem surgindo com a modernidade, constituindo um campo emergente de estudos de interesse da psicologia, da história, da pedagogia, da antropologia e da sociologia.

Importante salientar que ao acionar o conceito de infância, nos deparamos com algumas concepções que desconsideram que tal conceito relaciona-se com determinados contextos históricos, culturais, sociais, contudo, o sentido que se estabeleceu em relação à criança na atualidade é diferente de períodos anteriores:

Os tempos contemporâneos incluem mudanças sociais que os caracterizam, a reinstitucionalização da infância. As ideias e representações sociais sobre as crianças, bem como as suas condições de existência, estão a sofrer transformações significativas, em homologia com as mudanças que ocorrem na estruturação espaço-tempo das vidas quotidianas, na estrutura familiar, na escola, nos *mass-media*, e no espaço público. (SARMENTO 2001, p. 01).

A ideia de infância durante grande parte da Idade Média era desprovida totalmente do significado atual, pois “as crianças eram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social e sem autonomia existencial”, destaca Sarmiento (2001). Durante este mesmo período, crianças, mulheres e escravos eram tratados de maneira indiferente e as crianças, por exemplo, deveriam aguardar para serem integradas ao mundo do trabalho, de produzirem, ou irem para a guerra, alcançando, segundo termo adotado por Sarmiento (2001), a “adulter precoce”.

Philippe Ariès, considerado um dos grandes pesquisadores sobre o conceito de infância, em sua obra *História social da criança e da família* (1978), apresenta algumas considerações sobre a infância, comportamento no meio social das crianças, seus sentimentos e sua relação com a família durante o século XII:

Até o por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É bem provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ARIÈS, 1978, p.50).

O estudioso destaca ainda que “a duração da infância era reduzida e a criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhando de seus trabalhos e jogos” (ARIÈS, 1978, p.10).

No século XVI, segundo Ghiraldelli Jr. (2006, p. 10) “vemos uma alteração dos sentimentos dos adultos para com as crianças”, para este autor, que se baseou na pesquisa do filósofo Francês Michel de Montaigne (1533-1592), as crianças antes tratadas com

paparicação, passam a ser objeto de discursos que tentarão convencer a família e a sociedade a abandonar velhas atitudes em favor de um comportamento mais racional, nesta perspectiva, Ghirardelli destaca a crítica feita pelo filósofo Montaigne a respeito da paparicação:

Michel de Montaigne (533-1592) foi um dos vários militantes contra a paparicação. Dirigindo-se aos pais, ele argumenta que o tipo de atenção que demonstram pelas crianças pequeninas, beijando-as, abraçando-as não revelaria outra coisa senão uma buscada prazer para si próprias, e não uma disposição de afeto voltada para as crianças. Assim agindo, os pais estariam se utilizando das crianças para seu entretenimento, comportamento esse que, segundo vários intelectuais da época, deveria ser extirpado em favor do reconhecimento da criança como um ser diferente do adulto e, por isso, merecedora de um tratamento pautado por uma disciplina racional, única atitude capaz de fazê-la ultrapassar a infância e se tornar um adulto responsável (GHIRALDELLI, 2006, p.10).

A paparicação é o termo retomado por Philippe Ariès (1978, p. 10), em seus estudos, quando afirma, “um sentimento superficial pela criança, surge por meio da paparicação, era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho”.

Diante das concepções apresentadas pelos autores supracitados, constatamos que a criança não tinha os estágios da infância concebidos pela sociedade contemporânea, sendo para os adultos, meros instrumentos de manipulação ideológica. Um fator importante, que é necessário ressaltar diz respeito ao modo de transmissão dos valores, dos conhecimentos e da socialização da criança, estes não eram assegurados e nem controlados pela família. Segundo Ariès (1978), a criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las.

No fim do século XVII, segundo Ariès, a concepção sobre infância ganha uma nova abordagem, a escola substitui a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer, que a criança deixou de ser misturada ao mundo dos adultos e a escola passa a ser uma espécie de “quarentena”, antes de soltá-las no mundo.

As crescentes transformações de ordem política, econômica e cultural na sociedade, a partir dos séculos XIX a XX, mudaram, mais uma vez, a concepção de infância e família. Ao longo destes séculos, cresce o esforço pelo reconhecimento da criança em vários campos e nas diversas correntes da psicologia, da história, da sociologia, da antropologia e da pedagogia. Numa concepção mais moderna, o significado ideológico da criança e a imagem simbólica atribuída à infância são de inocência, virtude, fragilidade, desproteção e a dependência.

Importante frisar que no contexto das transformações sociais e, sobretudo, com a evolução da escola e o desenvolvimento da indústria cultural, a criança passa a deter um novo papel na sociedade, por essa razão, começa a ser atraída para o consumo de materiais que

atendessem às suas necessidades. Escritores e ilustradores passam a produzir cada vez mais para crianças, por intermédio de suas produções, tais como brinquedos, livros, material ilustrativo, que se resumia em um arsenal com fins pedagógicos e moralistas.

Nesta perspectiva, o livro surge como um destes produtos, apresentando temas diversos, porém com objetivo didático e de transmissão de valores e costumes da época. As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII, antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, surgiram histórias escritas apropriadas à infância, afirmam Lajolo e Zilberman (2007).

Alguns nomes se destacam no período em que começava essa produção “especial”, tais como La Fontaine, Charles Perrault e Fénelon, responsáveis por provocar este primeiro “surto” da chamada literatura infantil. Estas produções tinham preferência pelo universo dos contos de fadas, literalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e de circulação oral.

As sociedades ocidentais cresceram por meio da industrialização e se modernizaram em decorrência dos avanços tecnológicos. Diante disso, a literatura infantil assumiu, desde seus primórdios, a condição de mercadoria. Com o avanço das tipografias, expandiu-se a produção de livros que passa então, a circular em todo mundo, sofrendo com o passar do tempo, ajustes, avanços e adaptações que resultou na produção que temos nos dias de hoje.

Numa concepção mais atual da infância, a família assume um importante papel como uma das responsáveis pelo cuidado e por garantir a formação integral da criança em parceria com a instituição escolar. A educação das crianças por intermédio da escola procura integrá-las às normas, aos costumes, aos valores e representações histórico-sociais da moral coletiva, por meio de um diálogo permanente com os conhecimentos construídos pela criança em seu ambiente familiar, assim, a criança é motivada na escola a perpetuar sonhos, fantasias que permeiam o imaginário infantil. Nesse contexto, o livro infantil ganhou espaço significativo, sendo um dos instrumentos valiosos para a formação da criança.

Diante da importância que ganhou a literatura infantil, sendo inclusive, tema de estudos entre pesquisadores no âmbito das universidades, torna-se relevante apresentarmos algumas considerações acerca desta literatura. Para isso, iremos considerar algumas concepções com o objetivo de melhor compreender e tecer reflexões sobre as especificidades desta produção literária destinada às crianças.

Uma das concepções sobre a literatura infantil é apresentada em forma de questionamento, segundo Carlos Drummond:

O gênero literário infantil tem, a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de se constituir em alimento para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras destinadas a adultos, em linguagem simples e isento de matéria de escândalo, que não agrada à criança. Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a destinação preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte, ou será a literatura infantil algo mutilado, reduzido e desvitalizado, porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (DRUMMOND *apud* WENZEL e BATISTA, 2006, p. 34).

O poeta demonstra preocupação com o tema, ao desconfiar de uma produção literária voltada exclusivamente para o público infantil. Entende-se que Drummond percebe a literatura infantil vinculada a uma noção idealizadora de infância, que se resume em um desejo do adulto de decidir as necessidades das crianças, na visão do escritor, a literatura, deveria se constituir como produção capaz de agradar adultos e crianças, sem distinção.

Nos estudos de Lajolo e Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: História e Histórias* (2007), as estudiosas chamam a atenção para o peso circunstancial que o adjunto *infantil* traz para a expressão literatura, que em outras palavras, este adjunto define a especificidade da obra. Além disso, as autoras acreditam que é possível estabelecer um diálogo entre a literatura infantil e não infantil, de modo que a especificidade de cada uma pode ajudar a destacar o que a crítica teórica e histórica, não tem levado em conta na outra:

As relações da literatura infantil com a não infantil são tão marcantes, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canis convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. (LAJOLO, 2007, p.09).

Nelly Coelho entende que a literatura infantil é um instrumento que contribui para formação integral da criança, despertando-lhe para a vida e para o mundo da fantasia e da imaginação, a autora acrescenta que a literatura infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança proporcionando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p.5).

Na perspectiva psicanalítica, a literatura infantil é definida por Bruno Bettelheim em *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), como uma produção literária que objetiva desenvolver a mente e a personalidade da criança, para ele, a literatura e os contos de fadas exercem um importante papel na vida da criança:

A criança à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada... Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação (BETTELHEIM, 2002, p.04).

Ao depararmos com diferentes concepções de literatura infantil, observamos que se trava em seu cerne uma luta entre o conceito de literatura enquanto construção literária legitimada, que se define pela sua autonomia e o adjetivo “infantil”, que de certo modo, obriga esta produção literária atender aos interesses e necessidades deste receptor, ou seja, a criança.

Recorrendo a história da literatura infantil no ocidente e no Brasil, iremos perceber que sua trajetória foi marcada por diferentes concepções, finalidades e objetivos que se configuraram em diferentes épocas e contextos. De certo modo, a literatura infantil integra a história da literatura geral, já que as primeiras narrativas eram compartilhadas, indiscriminadamente, entre “crianças” e “adultos”. Entretanto, a especificidade da produção literária para crianças, marcada pelo seu adjetivo “infantil” tem ganhado nos últimos tempos, diferentes abordagens em função de seus objetivos que foram variando ao longo dos séculos, em questões de autonomia, instrumentalidade, utilitarismo, cultura de massa, linguagem, metodização do ensino, estética e recepção.

1.2 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO DE SUA FORMAÇÃO

Para compreendermos os aspectos e os caminhos que contribuíram para o aparecimento de uma literatura destinada ao público infantil no Brasil, faz-se necessário, a priori, revisitarmos o passado histórico e percebermos como esta literatura começa a se esboçar e se constituir; quais os pioneiros e obras que circulavam na Europa, considerada a princípio o berço da literatura infantil, conforme destacam Lajolo e Zilberman (2007):

As primeiras obras publicadas especificamente para o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII, na Europa. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717 e os Contos da Mamãe Gansa, cujo título original

era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO, 2007, p.14).

A história da literatura infantil relaciona-se com a concepção que a sociedade, a partir dos séculos XVII a XVIII, tinha sobre a infância, quando a criança passa a ser vista diferente do adulto, em detrimento das mudanças ocorridas na estrutura familiar e do surgimento de um novo modelo de sociedade voltada para a industrialização e o consumo de produtos diversos e com fins específicos. A este respeito, nos afirma Cunha (2007):

A literatura infantil tem relativamente poucos capítulos, começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2002, p.22).

A autora ainda chama a atenção ao distinguir dois tipos de criança, com acesso a uma literatura muito diferente e que contemplam conteúdos diversos: Algumas destas produções oriundas dos contos clássicos e outras advindas de situações do cotidiano.

A criança da nobreza lia geralmente os grandes clássicos, enquanto as crianças das classes desprivilegiadas liam e ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras, lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de interesse das classes populares. (CUNHA, 2002, p.22).

Estudos revelam ainda que as primeiras narrativas destinadas à criança surgem em várias regiões da Europa em diferentes formas de expressões como a lenda, a fábula, o mito, os contos de fadas e a partir da perspectiva de educar as crianças moralmente e com domínio quase absoluto da exemplaridade; o certo, o bom e o belo a ser apreendido; o errado, o mau e o feio a serem desprezados. Estas são características marcantes nas narrativas tradicionais em toda Europa e que ganharam notoriedade no ocidente.

Muitos autores enveredaram pela literatura infantil tendo suas obras imortalizadas pelas crianças de todo o mundo e formando o acervo de uma Literatura Infantil Universal, a saber: Collodi encantou as crianças com seu boneco de pau, Pinocchio; a obra poética do mestre do *nonsense* (Alice no País das Maravilhas e Alice no Reino do Espelho), O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry; Matthew J. Dickens (Peter Pan). Lyman Frank Baum (Mágico de “Oz”).

Ao esboçarmos alguns aspectos que contribuíram nessa fase embrionária da literatura infantil na Europa, é importante compreendermos como esta produção literária começa a florescer no Brasil.

Segundo as estudiosas, Lajolo e Zilberman (2007), a literatura infantil brasileira traz marcas de um período em que o Brasil ambicionava a modernização e aumentava assim, a absorção e o consumo de produtos culturais mais modernos, vindos de outras partes do mundo, especificamente da Europa. Neste contexto, o país emergia para um crescimento e diversificação da população urbana, a ascensão da classe burguesa, o desenvolvimento do trabalho assalariado, o fortalecimento da escola e o surgimento de diversos públicos, corroborando significativamente para o aparecimento de um público especificamente consumidor de livros infantis.

Lajolo e Zilberman (2007) destacam os autores Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel como pioneiros que se encarregaram, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), Os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen.

Na metade do século XIX, a educação no Brasil começa a tomar novos rumos e há uma preocupação, pode-se assim dizer, com o surgimento da pedagogia moderna. Nomes como Rui Barbosa, Teodoro Morais e mais tarde, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, contribuíram para desencadear um acervo de leitura adaptadas ao público infantil, porém com fins didáticos.

Ainda neste contexto, surgem outros autores, hoje muito reconhecidos e valorizados pelo cânone literário, que se consagravam em rodas mundanas e intelectuais, tendo suas obras destinadas a um público muito específico, na época. Figuras como Machado de Assis e Olavo Bilac faziam da vida literária um ponto de referência para a vida cultural daquele período.

Estes autores contribuíam para os principais jornais e folhetins que circulavam entre as classes mais favorecidas e a adesão a diversos temas, diretamente ligados aos acontecimentos da sociedade. Os modos de vida, o subúrbio, o sentimentalismo, os comportamentos da burguesia, explicitadas, por exemplo, nas obras de Aluísio Azevedo, Raul Pompéia e Lima Barreto. Além desses, não podemos deixar de citar os autores como, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, sendo este último, o precursor de uma literatura infantil no Brasil.

É na obra Lobatiana que a literatura infantil no Brasil encontra sua originalidade e abrangência. Embora se utilizasse do rico acervo maravilhoso da Literatura Clássica Infantil de todo o mundo, segundo Carvalho (1985), a maior inspiração de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus jogos e objetos, suas travessuras, suas brincadeiras e tudo que provocava sua imaginação.

É necessário salientar que há diversas opiniões sobre a obra Lobatiana, sobretudo, há críticas quanto à estereotipia atribuída ao negro na obra do escritor. Em especial nas *Histórias da Tia Nastácia* e em *Reinações de Narizinho*. Porém, isso não quer dizer que as obras de Monteiro Lobato não contribuíram de forma significativa para a constituição de uma literatura infantil brasileira.

Em 1921, Monteiro Lobato inicia sua obra infantil, com a publicação de *Reinações de Narizinho*, cuja primeira edição estreia como segundo livro de leitura, com o título de *Narizinho Arrebitado*. O projeto literário de Monteiro Lobato, segundo alguns estudiosos, divide-se em duas categorias: a primeira, obras recreativas, cujo conteúdo busca atender ao interesse lúdico-maravilhoso e da aprendizagem da criança. Nesta categoria, destacam-se *Reinações de Narizinho*, *Narizinho Arrebitado*, *o Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, *Memórias da Emília* e *Histórias da Nastácia*.

A segunda categoria, de caráter didático, é diferente por apresentar conteúdos, cuja intenção, era despertar na criança o sentimento de amor à pátria, mas com implicações políticas e com fins didáticos. Dentre as obras mais conhecidas, podemos citar: *Emília no País da Gramática*, *Sertões de Dona Benta* e *o Poço de Visconde*.

Vale ressaltar, que a maioria das obras infantis de Monteiro Lobato acontecem no *Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, com seus personagens mais consagrados, Dona Benta, seus netos Pedrinho e Narizinho, Tia Nastácia, boneca Emília, Visconde de Sabugosa, o porco Rabicó, o rinoceronte Quindim, entre outros, sendo esta obra, considerada a mais significativa do projeto literário Lobatiano, em que suas personagens são bastante representativas e simbólicas.

Conforme os estudos de Lajolo e Zilberman (2007), outros autores que sucederam Monteiro Lobato compartilharam a evolução da literatura infantil brasileira, embora de modo diferenciado. Alguns recorreram ao folclore e às histórias populares, outros criaram narrativas originais, como Érico Veríssimo, em *As aventuras do avião vermelho* (1936), Graciliano Ramos, em *A terra dos meninos pelados* (1939), Cecília Meireles, com seus livros de poesia e didáticos, dentre outros.

É importante destacarmos a relevante contribuição de Cecília Meireles para a literatura infantil, a poetisa seguiu uma carreira promissora na literatura conciliando com as diversas atribuições de militante na educação. Na literatura infantil, além de escrever livros para crianças, adotando um estilo lúdico e uma linguagem poética, Cecília dedicou-se a pesquisar, instruir e alertar aos pais e educadores brasileiros sobre as problemáticas desta produção literária e das especificidades das obras destinadas ao leitor infanto-juvenil, o que

resultou na publicação do livro *Problemas na literatura infantil* publicado pela primeira vez em 1951.

Uma das obras de Cecília Meireles que contribuíram para que a autora ganhasse mais notoriedade e reconhecimento literário dentro da literatura infantil, foi à obra *Ou isto ou aquilo* (1964). Desde sua publicação, a obra vem sendo difundida no universo educacional, sendo um dos textos mais escolhidos pelos educadores e crianças em momentos de leitura literária.

Além dos escritores já citados, outros autores ganham destaque no cenário da literatura infantil brasileira, com uma postura inovadora e diversificada, segundo descreve Silva (2009), em seu livro *Literatura Infantil Brasileira: Um guia para professores e promotores de leitura*. A autora descreve o impulso que a literatura infantil e juvenil recebeu a partir dos anos 1970 no Brasil e que ficou conhecido como o *boom* dessa modalidade literária, ao colocar em circulação no país, uma produção significativa pós-Lobatiana, merecendo destaque as obras das escritoras Lygia Bojunga, Silvia Orthof, Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Marina Colasanti, formando assim um acervo da literatura infantil e juvenil contemporânea.

Em 1966, surge a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 1968, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo, no ano de 1979, o que comprova o crescimento de instituições comprometidas em discutir a literatura infantil brasileira.

É perceptível pela história e pela trajetória da literatura infantil brasileira, que o caráter meramente educativo e com fins didáticos, cristalizou-se na trajetória desta produção literária. Nos primórdios da literatura infantil no Brasil, ela não foi representada como arte, mas antes pautada em adaptações de obras estrangeiras, ainda que nos contos de fadas, considerados protagonistas do universo literário infantil, se propagou um ideal de beleza.

Neste cenário, apesar do surgimento de autores que recorreram as mais diversas temáticas, constituindo um acervo de obras destinadas ao público infantil, como o folclore e as histórias populares, conforme Zilberman (2007), a predominância de um projeto de modernização e o ideal de branqueamento da cultura brasileira se arrastou ao longo dos séculos, gerando uma lacuna na literatura de modo geral e na educação brasileira de questões relacionadas à diversidade cultural e mais especificamente às relações étnicas e raciais.

Os estudos de Kabengele Munanga, sobre educação e diversidade cultural, confirmam a pouca relevância dada ao reconhecimento das diferenças culturais e a negação das etnias, em consequência do modelo de formação da nacionalidade.

O modelo nacional- democrático ilustrado pelo Estado-Nação como a forma política da sociedade moderna também é marcada pela violência, pois é acompanhado muitas vezes de negação da diversidade cultural. Foi graças à multiplicação dos estudos sobre as minorias étnicas nacionais ou regionais que se descobriu até que ponto culturas e sociedades foram destruídos durante os processos que levaram à formação dos Estados-Nação [...] (MUNANGA, 2008/2010, p.39-40).

As palavras de Munanga reafirmam mais uma vez, que o modelo adotado para a formação da nacionalidade brasileira, se deu através da negação ou apagamento da história e da cultura originalmente brasileira, e mais especificamente da falta de representação das diferentes etnias. Na educação e na Literatura, a representação do negro, por exemplo, se deu ao longo dos séculos, de maneira bastante superficial e carregada de estereótipos.

Rememorando o contexto histórico, político e social do estado brasileiro ao longo dos últimos séculos, percebemos que a sociedade mantinha uma conexão muito estreita com uma ideologia do branqueamento, motivada pelo mito da democracia racial, resultando com isso na desvalorização das diferenças e da história de um povo, posto à margem da sociedade.

Dentro desta lógica, a literatura é assumida como um dos instrumentos de representação social e manutenção da ideologia predominante em cada época, fazendo reafirmar com bastante intensidade este tipo de imaginário das pessoas.

1.3 CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA

Os estudos sobre literatura infantil afro-brasileira são recentes e nascem dos desdobramentos de discussões e discursos os quais vem em forma de reflexão ou até reivindicação na contemporaneidade, de determinados grupos que buscam a desconstrução de valores ideológicos tradicionais que marcaram os espaços e as relações sociais, na tentativa de reafirmar uma identidade nacional e étnica.

Alguns estudos sobre a literatura infantil afro-brasileira não têm sido suficientes para responder algumas questões que legitimam a autonomia desta linha de ruptura na literatura, que é tão recente. As discussões têm sido basicamente pautadas na designação “infantil” e “afro-brasileira”. Seria esta uma literatura voltada especialmente para a criança negra? Quais são as suas características? O que a difere da literatura infantil não afro-brasileira? Qual o perfil de seus autores?

De modo geral a literatura infantil afro-brasileira está integrada às discussões que circulam nas academias e outros centros de estudos, entre professores e pesquisadores, sobre literatura afro-brasileira. Alguns estudos revelam que as discussões giram em torno da nomenclatura “literatura afro-brasileira”, ou “literatura negra”. Nessa perspectiva, Maria Nazareth Lima em seu artigo intitulado “Literatura negra, Literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica?” questiona qual seria o lugar do negro no Brasil em textos literários que tratam das questões relativas à noção de identidade.

Concernente às expressões “Literatura negra” ou “Literatura afro-brasileira”¹, Lima (2006), destaca que apesar de muito utilizadas em meios acadêmicos, estas expressões nem sempre são suficientes para responder algumas questões levantadas por estudiosos das áreas relacionadas à literatura e à educação, por isso, várias reflexões são suscitadas, segundo a autora:

Para muitos teóricos e escritores do Brasil, das Antilhas, do Caribe e dos Estados Unidos, a utilização do prefixo “afro” não consegue evitar os mesmos problemas já verificados no uso da expressão “literatura negra”. Segundo eles, tanto o termo “negro (a)” como a expressão “afro-brasileiro (a)” são utilizados para caracterizar uma particularidade artística e literária ou mesmo uma cultura em especial. Com base nesse raciocínio, ambos os termos são vistos como excludentes, porque particularizam questões que deveriam ser discutidas levando-se em consideração a cultura do povo de um modo geral e não apenas as suas particularidades. No caso do Brasil, por exemplo, se deveria levar em conta a cultura brasileira e não apenas a cultura negra. (LIMA, 2006, p.12).

A partir da reflexão apresentada pela pesquisadora é importante destacar sua relevância, que nos possibilita pensar sobre a condição de um grupo social excluído e posto à margem da sociedade brasileira, ao longo de séculos. Ao nos referirmos à literatura, por exemplo, percebe-se a ausência de um discurso voltado para a valorização da história e da cultura do povo negro, em textos produzidos e consagrados pelo cânone literário nacional.

A referência ao negro de maneira silenciada e marginalizada foi discutida por Domício Proença Filho em seu estudo *A trajetória do negro na literatura brasileira*, “evidenciando em sua trajetória no discurso literário nacional, a condição do negro como objeto, numa visão distanciada” (1979, p. 01).

¹ Literatura negra ou Literatura afro-brasileira: Em virtude das acepções que oscilam para tratar dessa etnia, poderá ser utilizado, povo negro ou afrodescendente, literatura negra ou afrodescendente.

Segundo este pesquisador, o negro como objeto numa visão estereotipada é manifestamente reveladora desde o século XIX, mas que prevalece ao longo da história da literatura brasileira, com algumas variações, para exemplificar, Domício Proença Filho discorre em sua análise na perspectiva de identificar os personagens, cuja representação do negro, aparece nitidamente vinculada a algum estereótipo, é o caso do personagem da obra de Aluísio de Azevedo, em *O mulato*, lançado em 1881.

O belíssimo mulato de olhos azuis, (Raimundo) apesar da nobreza, identifica-se claramente com aceitação da submissão. Neste mesmo fim de século XIX, outro estereótipo é revelado, o negro pervertido Amaro em seu relacionamento homossexual com Aleixo, que ganha a cena no surpreendente romance *O bom crioulo* (1885). Já a representação da mulher negra na literatura brasileira sob o aspecto da erotização, do sensualismo, da posição de objeto sexual, emerge Rita Baiana, de *O cortiço*, mas suaviza-se nos *Poemas da negra* (1929) e se estende até os romances de Jorge Amado na personagem infantilizada e instintiva Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela* (1958).

Segundo Domício Proença Filho, os estereótipos atribuídos ao negro na produção literária brasileira, não se esgotam nestes casos, inclusive podem ser identificados em obras contemporâneas, não se restringindo apenas ao romance e a poesia, mas também ao teatro.

O surgimento de uma literatura voltada para a valorização de questões étnico-raciais começa a ter visibilidade no cenário acadêmico e, em várias instituições de ensino, a partir do século XX. As primeiras histórias publicadas com personagens negros objetivavam evidenciar as condições subalternas dos negros escravizados, não tendo neste contexto nenhuma história que os representassem como protagonista, ou assumindo qualquer outro papel de importância ou relevância no ponto de vista da sociedade da época.

Quando analisada a trajetória da literatura infantil no Brasil, muitas obras que compõem este ramo da literatura revelam em seu plano discursivo e imagético alguns valores ideológicos bastante demarcados, sem levar em consideração as concepções sobre as questões sócio-históricas, culturais, identitárias e étnicas, que permeiam o estado brasileiro.

Os contos de fadas eleitos como literatura clássica infantil sempre tiveram predominância em produções literárias no Brasil, no mundo ocidental e continuam tendo uma presença bem marcante na sociedade. Crianças ainda se encantam pelas histórias de *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *A Rapunzel*, entre outras narrativas de origem europeia.

É importante destacar, que grande parte destas narrativas que perpassam o imaginário infantil, ao longo dos séculos, apresentavam valores bastante demarcados e

conceitos de belo/feio, bom/ruim, certo/errado dentre outros, que colaboraram para a construção de um modelo ideal, que resultou na opressão de um povo sobre o outro, conforme descreve Silva (1987, p. 23):

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.

Não pretendemos aqui contestar o valor literário das obras que influenciaram durante séculos o imaginário de crianças e de adultos, mas pretendemos discutir e entender como se estabelece a relação da criança com narrativas que contemplem a questão racial e assim verificar como essas questões influenciam a formação de sua identidade e, conseqüentemente, seu ponto de vista sobre o “outro”.

Considerando que por se tratar de uma literatura emergente, a literatura infantil afro-brasileira vem tratar de questões que precisam ser expostas e discutidas, e por isso, aos poucos vem ganhando espaço e forma, ao engendrar na escrita questões e reflexões voltadas para a criança em especial, a negra, que até então não se via representada nas leituras que tinha acesso na primeira infância.

Os crescentes movimentos culturais e étnicos que escancaram a necessidade de valorização da cultura negra, dentre várias outras questões, anunciam a nossa sociedade que por sinal é heterogênea, uma nova possibilidade de literatura. Nesta perspectiva, defende Barreiros (2010), em seu estudo sobre diversidade, que trata de algumas considerações sobre as contribuições das lutas dos movimentos sociais em favor de uma valorização da diversidade e, em especial, da busca pela afirmação e reconhecimento da etnia negra, conforme aponta a pesquisadora:

Como conseqüência dos movimentos de valorização das culturas populares, surgem políticas sociais que visam contribuir para a construção de uma sociedade que se reconheça pluriculturalmente. No Brasil, dentre as reivindicações estão o respeito e o reconhecimento dos afrodescendentes; a inclusão de conteúdos afrobrasileiros nos currículos escolares; a tendência de democratização racial dos recursos e livros didáticos; a formação de educadores e especialistas dos sistemas de ensino para acompanhar, compreender e avaliar a necessidade de uma pedagogia multirracial. Para tanto, as determinações legais buscam cumprir e propor ações de combate ao racismo e as discriminações. (BARREIROS, 2010, p. 4).

Outra iniciativa que buscou ampliar as discussões em torno na literatura afro-brasileira vem ganhando força através da Lei 11. 645/2008, que altera a LDB nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, A publicação da lei 11. 645/2008, de acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, nasce das propostas e reivindicações históricas protagonizadas pelo Movimento Negro, possibilitando ao estado brasileiro formular projetos no sentido de promover políticas e programas para atender a população afro-brasileira e valorizar a história e a cultura do povo negro.

Portanto, tendo em vista os desdobramentos desta lei, surge então a necessidade da produção de materiais didáticos específicos para atender as determinações desta lei e direcionados às diversas faixa-etárias e modalidades do ensino básico.

No entanto, é perceptível que apesar de haver crescentes discussões com relação à temática afro-brasileira e uma ampla divulgação da lei 11. 645/2008, no cenário educacional, basta apenas um olhar atento, para captarmos situações que configuram de modo expressivo atitudes racistas no ambiente escolar e até um silenciamento por parte da escola sobre a temática das relações raciais, conforme expõe um dos documentos oficiais do MEC, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006:

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos (as) alunos (os) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais. (BRASIL, 2006, p. 21).

Para alguns especialistas, o maior desafio para garantir a aplicabilidade da lei 11. 645/2008 de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo MEC está em garantir uma formação de qualidade para os professores que muitas vezes não se sentem seguros para discutir sobre a questão das relações étnicas raciais, acabam por trabalhar com a temática de maneira pontual e sem nenhuma reflexão, caindo no erro de repetir velhos estereótipos já internalizados.

O caráter exótico e primitivo atribuído ao índio e ao negro brasileiro, por exemplo, ainda é muito comum em obras literárias que circulam no ambiente de sala de aula. Nesse sentido, precisamos buscar mais ações afirmativas, como por exemplo, uma literatura que

esteja mais engajada em relação a esses temas e, que todas as crianças tenham acesso, para que não haja um conflito entre as diversas etnias. Entendemos que todas as crianças necessitam de seu espaço, entender sua realidade, se reconhecer nas histórias.

Ainda sob o olhar da pesquisa de Barreiros (2010), é perceptível que a literatura brasileira em seus primeiros momentos, teve como base uma perspectiva eurocêntrica e que, atualmente, sofre um redimensionamento, com produções que contemplam questões da realidade contemporânea, dentre elas a da etnia negra. Sob esta perspectiva e compartilhando das reflexões aqui apresentadas, iremos utilizar como objeto para a nossa pesquisa uma das obras que compõem, a nosso ver, a chamada literatura infantil afro-brasileira, intitulada *A cor da ternura* da autora Geni Guimarães, ilustrada por Sarith Barboza e publicada em 1994.

Geni Guimarães, autora e personagem da narrativa, apresenta uma nova proposta de valorização e reconhecimento da etnia negra. Dentro desta perspectiva, o negro assume condição de sujeito, que fala de si, representa sua cultura e sua origem dando ênfase ao pertencimento. Geni Guimarães, a autora e protagonista, faz um reencontro com sua infância de menina negra, pobre, discriminada, mas também marcada por sonhos, fantasias e superação. Assim, entendemos que *A cor da ternura* apresenta características da literatura afro-brasileira, em função de sua temática; da valorização da cultura e da história do negro; por ser a autora negra assumindo papel de emissor e receptor, e por compor um acervo literário que possibilita a criança negra se reconhecer enquanto sujeito, conforme nos afirma Barreiros:

Assim, as obras de Literatura Infantil, de modo geral, contribuem para a formação da identidade do infante, e aquelas cujos temas estejam voltados para as questões étnico-raciais podem, além de formar identidade, fomentar reflexões sobre a discriminação racial bem como dar a criança afrodescendente concepções de pertencimento quando se vê ali representada (BARREIROS, 2010, p. 5).

Considerando dessa maneira, a proposta é substituir a exclusão por respeito e cooperação, podemos imaginar uma sociedade mais igualitária, na qual as crianças negras possam através da literatura afro-brasileira valorizar sua cultura, sua ancestralidade. Esse é um desafio principalmente para os educadores, pois o primeiro contato com a literatura, em sua maioria, ocorre na escola. Dessa forma intensifica-se o cuidado e as escolhas dos materiais a serem estudados, bem como a análise das estratégias que serão utilizadas para que se mostre a diferença, mas destacando sempre sua importância.

Visando entender como a literatura infantil afro-brasileira se constitui como uma linha de ruptura e se configura ou se integra à literatura brasileira, com o intuito de ampliar o

olhar sobre as questões de formação identitária, pertencimento e formação leitora da criança negra, analisaremos o livro *A cor da ternura* (1994) de Geni Guimarães, mais especificamente alguns trechos da narrativa, na perspectiva de apresentarmos, a referida obra, como um recorte ou possível representação da literatura infantil afro-brasileira, buscando enfatizar questões de origem das raízes da criança negra, sua cultura, suas brincadeiras, suas características físicas e, conseqüentemente, evidenciar como esta literatura vem ganhando espaço e forma, e como Geni Guimarães, enquanto autora contemporânea vem se posicionando em seu discurso ao abordar as questões ligadas à história e a cultura do povo negro e/ou dos afrodescendentes.

A partir dessa proposição, pretendemos direcionar nosso olhar e nossa análise no capítulo que segue, dialogando com estudos e pesquisas de autores contemporâneos que tratam da temática relacionada à literatura infantil afro-brasileira, buscando aspectos que diferenciam a literatura infantil afro-brasileira, da literatura infantil tradicional. Assim, projetamos um olhar sobre uma literatura que ganha aos poucos, seu espaço e que precisa ser apresentada à criança, independente de sua etnia.

2 A COR DA TERNURA: UMA REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

A literatura infantil afro-brasileira consiste numa área de estudos relativamente nova, porém, já é possível encontrarmos diversas obras infantis que poderão ser enquadradas como uma linha de ruptura na literatura infantil eurocêntrica, por exemplo: *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima, *Rainha Quiximbi*, de Joel Rufino dos Santos, *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, dentre outras. Essas histórias vêm romper com algumas formas tradicionais de representações do negro na literatura, que passa assumir uma nova postura, como personagem principal mostrando resistência ao enfrentar situações de preconceito, resgando a sua identidade, valorizando sua memória, os mitos e sua religião.

Torna-se essencial observar o quanto a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir para a compreensão dos processos históricos, culturais que envolveram e continuam envolver a construção identitária do povo brasileiro. A literatura infantil afro-brasileira traz consigo uma proposta inovadora e contemporânea, retratando de maneira crítica e consciente a história e cultura dos afrodescendentes.

Dentro desta proposta, recortamos como objeto de estudo para a nossa pesquisa, *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, por entendermos que esta narrativa apresenta características da literatura afro-brasileira. Dentre esses aspectos, uma autora que traz em seu discurso um posicionamento de construção de sua identidade e afirmação, a partir de uma retomada as suas memórias de infância, marcada por enfrentamentos e superação de preconceitos em sua trajetória.

A análise de *A cor da ternura* nos induz a perceber como a infância é concebida na obra e como Geni, personagem principal, em sua infância se enxerga representada diante de sua história, sua origem e como lida em diferentes situações de preconceitos vividos em seu grupo social.

2.1 QUEM É GENI? PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

Para tratarmos de questões de construção identitária e, em particular, a negra, buscando compreender seu grau de significação e importância, se faz necessária uma

investigação acerca de qual posição o sujeito ocupou/ocupa na sociedade, buscando entender se neste contexto ocorre um discurso próprio ou está apenas inserido em análises distantes.

Se buscarmos na história do Brasil desde a época colonial, perceberemos que o negro ou afrodescendente não foi contemplado em sua importância nos primeiros escritos que tratavam da formação do país, seja na cultura, seja na literatura, que a princípio mostrou e inseriu o negro, mas não de forma a contemplar e destacar sua importância e sua contribuição para a formação cultural e social do país.

Para melhor exemplificar o que seria essa ausência de representação, nos atentemos ao que nos diz o professor Kárpio Márcio de Siqueira ao abordar em *Oswaldo de Camargo: o lugar de identidade, resistência e afirmação de uma poética de autoria negra na literatura brasileira* (2013):

Durante os séculos XVI a XVIII, o espaço etnocêntrico no Brasil instituiu modelos éticos e estéticos dominantes, projetando modelos particulares como elementos universais de comportamento, assolando a sociedade a partir da disseminação de uma cultura endógena e violenta. Nesse percurso temporal, à literatura foi facultada que as representações dos povos não brancos e não dominantes deveriam ser como meros personagens de figuração social, sem inserir-se no âmago das questões sociais enfrentadas, pelas quais estes sujeitos representados foram silenciados. Essa literatura, a priori, representava um modelo hermético, centrada nas ideias de nação europeizada que, de forma alguma, empreendia o espaço do nativo ou de outras etnias. (SIQUEIRA, 2013, p.3).

Em um mundo pouco movimentado pela escrita e pela leitura e sem os meios de comunicação e de tecnologias que temos hoje, tratava-se de uma sociedade que apesar de ter pequena parcela leitora, os que liam os contos, os romances certamente eram parte da elite social, por isso não se opunham aquilo que liam, pois, se viam ali representados.

A representação de forma estereotipada do negro na literatura se fez mais evidente nos contos e nos romances até meados do século XIX. O negro aparecia nas histórias de forma estereotipada, como objeto assumindo o papel de escravo ou empregado, bobo ou subalterno, por exemplo.

O esforço da sociedade brasileira do século XIX, em constituir-se enquanto nação moderna, fez com que a literatura do período assumisse um compromisso em representar os valores culturais e ideológicos da sociedade daquela época. Em detrimento deste contexto, sempre nos foi apresentada as histórias que de certa forma contribuíram para a formulação do que seria nossa sociedade, havia então em circulação, textos que os protagonistas eram brancos, com um padrão de beleza que não representava de fato a heterogênea sociedade brasileira, portanto, um padrão europeu.

Contemporaneamente, com o acesso à literatura nas escolas e as diferentes tecnologias da informação e da comunicação, a literatura ainda representa uma das melhores formas de fruição, imaginação e pertencimento. Todavia, deveria ser reconhecida como uma das formas de difundir a diversidade cultural e a pluralidade das etnias, porém, sabe-se que as escolas ainda não se enquadram nesses quesitos que são de fundamental importância para a formação integral e social da criança.

Com muitas tentativas e lutas, o negro vem ganhando seu espaço com a constituição de uma literatura afro-brasileira, pois a literatura brasileira o representava como objeto. Na atualidade, o negro começa a ser visto de modo diferente, passa a ser considerado sujeito de suas ações, assumindo um discurso sobre si mesmo. Embora a história do povo negro ou afrodescendente não tenha sido considerada como importante para a formação cultural e social do país, só recentemente o negro começou a ter visibilidade e reconhecimento.

Segundo o professor Kárpio Siqueira, a literatura marginal engloba a literatura afro-brasileira e traz consigo um traço de autonomia e consciência nacional:

Nesse espaço de negação, as literaturas consideradas marginalizadas rejeitam essa classificação periférica ou marginal. Elas pautam no papel de literatura emergente. Assim, podemos atribuir a elas o recorte de uma elaboração da consciência nacional, que busca preencher as lacunas da memória coletiva e a essencialização do sentimento de identidade como traço da autonomia. (SIQUEIRA, 2013, p.3).

A literatura afro-brasileira vem somar a representatividade do negro nos textos mostrando sua cultura, sua ancestralidade e diversos aspectos importantíssimos para nossa formação como a religião, a oralidade, a cultura dos povos africanos e várias outras contribuições a nossa sociedade.

Como desdobramento da literatura afro-brasileira, a literatura infantil afro-brasileira vem emergindo e ganhando mais visibilidade, como já mencionado anteriormente, a literatura brasileira ditava os padrões da sociedade dominante em que ressaltava os padrões de beleza e de modelo social, porém não representava todos os grupos sociais. As crianças como parte integrante desta sociedade, em especial a criança afrodescendente não aparecia contemplada ou pertencente a esta literatura transmitida de geração em geração.

É nessa perspectiva de autoreconhecimento e pertencimento à cultura negra, que a escritora Geni Guimarães, contribui para a propagação da literatura infantil com esse novo olhar, com essa nova maneira de representar ficcionalmente a criança negra, de fazer com que ela se sinta representada, que sua cultura esteja ali presente nos escritos.

Acreditamos que um dos aspectos que fornece legitimidade a uma obra e que a torna ainda mais próxima do real ou da fantasia, é a linguagem expressa pela voz do escritor que passa a se tornar porta voz de si mesmo e do outro. Queremos dizer que, no caso da narrativa *A cor da ternura* a autora/personagem Geni Guimarães, representa a realidade não somente a partir de um ponto de vista intelectual, mas, também a partir de sua experiência pessoal, ou pelas histórias ouvidas dos mais velhos.

Geni Mariano Guimarães nasceu em 1947 na fazenda Vilas Boas município de São Miguel, interior de São Paulo. Filha de Benedito Mariano de Camargo e Sebastiana Rosa de Camargo. Sua família é bastante numerosa, sendo Geni a penúltima filha do casal. No período de 1954 a 1958, cursou a 1ª a 4ª séries, porém teve que se mudar com sua família para a cidade, onde passou a cursar 5ª a 8ª séries, em seguida o curso superior normal (magistério) percorrendo o período de 1963 a 1965. Vinte e quatro anos depois de ter concluído o Curso Normal, retomou os estudos. Formou-se em Letras pelo IMES (Faculdade Localizada na cidade de São Manoel), onde estudou de 1989 a 1993, encerrando assim sua carreira acadêmica e dedicando-se intensamente à carreira literária. É necessário destacar que Geni Guimarães também atuou como professora e escritora e nunca negou sua profissão anterior, como babá e empregada doméstica. Desde a infância gostava de ler poesias e histórias em livros, revistas e jornais, na adolescência já colaborava com os jornais Debate Regional e Jornal da Barra, publicando contos, poemas e crônicas.

Em 1979, foi editado seu primeiro livro, intitulado *Terceiro Filho*, poemas da meninice e adolescência. Mais tarde, em contato com a poesia negra, seu trabalho ficou mais definido em virtude de questões identitárias, e assim foi convidada a participar de várias antologias e eventos culturais, além disso, sua experiência de trabalho no exterior lhe proporcionou uma visão cultural em termos de literatura brasileira. A Fundação Nestlé da Cultura, reconhecendo o valor de seu trabalho, dada a sua atuação na Bienal, com a publicação do seu livro intitulado *Leite de Peito*, contos que se encontram hoje na 2ª edição.

Em 1990, Geni Guimarães foi reconhecida na categoria autor/revelação, pelo Prêmio Jabuti e Menção especial – UBE/RJ, em 1991, categoria infantil pela publicação da obra *A cor da ternura*.

Para Geni Guimarães a experiência com a escrita pode proporcionar uma visão política podendo motivar mudanças na sociedade:

Acredo que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças. Baseada nessa crença fui buscar minha menina das fazendas e escrevi *A cor de ternura*. “Tenho a pretensão de conscientizar e alertar, segundo a visão do poeta maior Drummond: É preciso viver

com os homens, é preciso não assassiná-los, é preciso ter mãos pálidas e anunciar...” (GUIMARÃES, 1994, p.94).

No livro *A cor da ternura* Geni Guimarães traz uma abordagem autobiográfica e de maneira doce e sutil relata os pormenores de sua vida, desde a primeira infância. Infância esta, marcada inicialmente pelo o autoquestionamento sobre sua posição social e a sua própria cor. “-Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?” (GUIMARÃES, 1994, p.10).

Um aspecto importante na obra *A cor da ternura* que merece destaque, é o modo como a autora Geni Guimarães concebe a infância e a criança. Ao longo da narrativa, a criança negra é abordada e caracterizada como um ser humano “normal”, como criança que independentemente da cor de sua pele, está inserida em um contexto de inquietações, conflitos, brincadeiras de faz-de-conta e imaginação.

Para dar voz e vez a protagonista de *A cor da Ternura*, Geni Guimarães utiliza um recurso narrativo a partir de uma sequência lógica dos fatos de forma linear, evocando imagens do passado, trazendo suas próprias vivências e de pessoas as quais conviveu de forma direta ou indireta. Assim, as ações, os conflitos, as emoções e as descobertas vão se reorganizando cronologicamente e sendo transformadas em um discurso literário.

A cor da ternura é dividida em dez capítulos, sendo o primeiro intitulado de *Primeiras Lembranças*. Neste primeiro capítulo, o leitor entra em contato com a menina Geni, uma criança dócil, amável, curiosa e também incompreendida pelos seus familiares. No decorrer desta leitura é possível perceber, que Geni, apesar da pouca idade é bastante questionadora e deseja obter respostas mais concretas para suas perguntas.

Ao desconfiar que sua mãe não pudesse mais amamentá-la, pois esperava um irmãozinho, a menina Geni, passou a recusar todo alimento que lhe era oferecido, sendo necessário que a irmã e a mãe explicasse a situação, deixando-a ainda mais confusa:

-É que o leite da mãe está podre.
 -Quem apodreceu ele? –perguntei inocentemente.
 - O gato da Maria Polaca fez caca no meu peito.
 -Por que você deixou ele entrar aí, mãe?
 Ela não me respondeu. Chamou a Cecília e disse:
 -Leva ela pra ver os porquinhos. (GUIMARÃES, 1994, p.12).

Outras atitudes de Geni, no decorrer da história, deixam evidente seu lado introspectivo e surpreendente. É possível perceber que Geni, mesmo criança, já consegue perceber os primeiros sinais de descobertas do seu grupo étnico, por isso, já nota sua cor diferente em relação à de outras pessoas.

Com a Chegada do seu irmão, Geni demonstra ciúmes, o que normalmente acontece com a maioria das crianças quando se sentem ameaçadas e receosas de perder o lugar no coração dos pais, por outro lado, a menina Geni, fica preocupada, sobretudo, por ouvir a dor de parto sentida pela mãe. Em oração, havia prometido a “Nossa Senhora do Oratório da minha mãe, faça que ela não chore, que eu nunca mais vou xingar o nenê de diabo e cocô no meu coração. Se ele parar de gemer, daqui pra frente vou só falar Jesus e doce-de-leite, Amém.”(GUIMARÃES, p.20). Entretanto, depois de alguns dias, ao ver o seu irmão, se sentiu “descompromissada em chamá-lo de Menino Jesus”. Era negro. (GUIMARÃES, 1994, p.22).

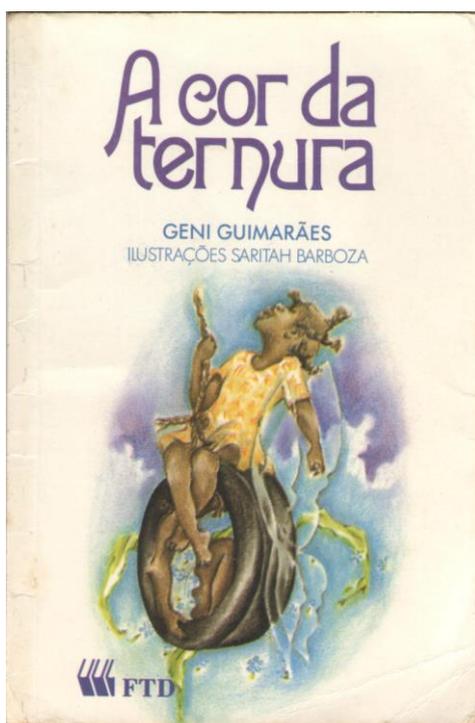
Importante frisar, que enquanto narradora e personagem Geni Guimarães coloca um eu enunciativo consciente de sua cor e raça durante toda obra, bastante comprometida em encaminhar o leitor à reflexão e percepções de problemas relativos ao preconceito e a discriminação racial, sofridas pelos negros, em função da cor.

2.2 GENI EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE

A cor na ternura abre possibilidades para a compreensão da busca da afirmação da identidade negra a partir das experiências vividas pela personagem Geni, autora e narradora. Geni relata suas memórias de infância até a fase adulta, descrevendo minuciosamente sua trajetória de vida, marcada pela discriminação em diferentes ambientes, mas também marcada pela realização de sonhos.

Antes de apresentamos alguns trechos da narrativa *A cor da ternura*, que subsidiarão as análises que servirão de base para a nossa pesquisa, importante destacarmos a ilustração feita por Saritah Barboza, para a capa da obra:

Figura 1: Capa do livro



Fonte: GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**-9ª ed. São Paulo: FTD, 1994.

A ilustração apresenta a imagem de uma criança brincando em um balanço. Seus traços físicos comprovam que se trata de uma criança negra e que, como qualquer outra criança, viaja em seu mundo de fantasias e sonhos. A personagem vive de desafios, de quebra de paradigmas e de sonhos:

- Vida de atrativos, comecei a planejar.
Mudar-me, sair de casa.
Não para longe dos meus pais e irmãos. Mas para uma árvore qualquer, ao lado de um João-de-Barro, ou mesmo para o galinheiro e morar com a nossa galinha garnisé.
Poder extravasar. Desmedir.
Caí em mim, porém, nas conversas comigo, vi a impossibilidade de realizar tal sonho. Como explicar isso para a minha mãe e obter a aprovação da família.
(GUIMARÃES, 1994, p.40).

O início da narrativa intitula-se *Primeiras lembranças* apresentando uma descrição da relação de carinho entre mãe e filha, evidenciando a ingenuidade de uma criança que faz uso de brincadeiras para questionar e compreender a cor da sua pele:

[...] Era o tanto certo de amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços.
Outras vezes, no meio da mamada eu parava e começava:
-Cadê o toicinho daqui?

- Gato comeu.
 -Cadê o gato?
 -Foi caçar rato.
 -Cadê o rato?
 -Foi no mato.
 -Cadê o mato?
 -Fogo queimou.
 -Cadê o fogo?
 -Água apagou.
 [...] -Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?

(GUIMARÃES, 1994, p.9-10).

A mãe, na tentativa de explicar a pergunta feita pela menina, utiliza uma expressão popular bastante conhecida, confirmando a relação de carinho e atenção pela filha de modo envolvente e o tratamento dado pela mãe de Geni, referente à sua própria cor.

-Credo em cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer?
 ...-Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta...
 [...] - Mentira boba! Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que vou deixar você sozinha? Eu não, nunquinha mesmo, tá?

(GUIMARÃES, 1994, p.10).

Segundo Silva (1987), “a criança que internaliza uma representação negativa tende a não gostar de si própria e dos outros que se lhe assemelham”, portanto, constatamos na fala da personagem, uma tentativa de transmitir para a menina uma imagem positiva da sua cor.

Geni, por ser a caçula da família, obtém toda atenção vinda da mãe e da irmã, porém, com a chegada do irmão, a personagem enfrenta algumas situações, que para ela passa a ser um problema que afeta sua relação com a mãe, então, Geni passa assumir uma postura diferente e egocêntrica:

-Outras vezes, era só eu botar a mão no decote do seu vestido, vinha a saída: uma bolacha caseira, uma goiaba, uma laranja ou qualquer outra guloseima para me tapear..
 -Um dia empurrei. Joguei fora tudo o que me oferecera. Recusei-me a comer qualquer coisa. (GUIMARÃES, 1994, p.12).

A narrativa vai sendo construída conforme o crescimento e amadurecimento de Geni. A autora descreve o ambiente que a família vivencia não como um lugar de extrema pobreza, mas subentende-se que a casa é simples e a família tem uma rotina que se resume ao trabalho na lavoura, nas tarefas realizadas em casa e no cuidado com as crianças. A mãe de Geni é

descrita na obra, como uma mulher batalhadora, simples, sendo sua beleza enaltecida pela filha:

-Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la
O dia todo arrastava os chinelos pela casa.
La e vinha.
Eu também ia, eu também vinha.
Quando me pegava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.
Eu baixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite
deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe.
(GUIMARÃES, 1994, p.12).

No decorrer na narrativa, iremos perceber que Geni, em sua infância, constrói para si um mundo de fantasias, sonhos, curiosidades que lhe permitem viajar para lugares que jamais tinha visto pessoalmente, dialoga com os animais e busca respostas para tudo ou para quase tudo. “-Um dia eu preciso saber quem teria feito o trinquinho da portinha da casinha da lua. - Pssiu! - chamei. - Onde você se escondeu? Minha aranhinha não respondeu, nem botou a cara nos vãos das telhas” (GUIMARÃES, 1994, p.32).

Um aspecto interessante na narrativa e que vale destaque é a valorização dos costumes e credices oriundas da cultura afro-brasileira e africana, a autora procura de maneira peculiar registrar os hábitos, simpatias e dizeres populares, que permite uma leitura que perpassa toda uma discussão que vai além da cor da pele.

O trecho abaixo representa o momento em que a família de Geni resolve levá-la para a benzedeira, após a menina imitar com mais frequência todo e qualquer animal, deixando todos preocupados. “Quando para rir eu imitava as coleirinhas para negar alguma coisa, latia, ou para pedir, miava, as pessoas começaram a me olhar torto. Foi por isso que me botaram uma correntinha de crucifixo no pescoço[...]” (GUIMARÃES, 1994, p.35).

[...]-Pensei então em me fazer compreender.
Pus-me a latir desesperadamente. Ao contrário do que eu previa, minha mãe começou a chorar.
Foi assim que nesse mesmo dia, à noite, levaram-me à casa da dona Chica Espanhola. Depois de fazer várias gesticulações estranhas, sentenciou:
-Tem que trazer a menina aqui nove dias seguidos. Está com acompanhamento. O espírito de Zumbi está do lado direito dela. Vou fazer um trabalho especial. Afasto o coisa-ruim e peço a guarda da Menina Izildinha. (GUIMARÃES, 1994, p.36).

A formação social, psicológica e identitária da criança perpassam por referências que se originam de seu convívio em sociedade, em sua cultura, da sua história pessoal. Portanto, entendemos que Geni Guimarães, ao trazer para a sua narrativa elementos que valorizam a cultura, os hábitos, os mitos que remetem à história do povo negro, busca conservar e

recuperar a memória e as heranças culturais de raiz africanas, de modo que esta memória seja reconhecida, não somente pelas crianças de ascendência africana que precisam desta memória para a construção de sua identidade étnico-racial, mas também pelas crianças de outras ascendências étnicas, tendo em vista que “a cultura da qual todos se alimentam cotidianamente é resultante das contribuições de todos os segmentos étnicos” (MUNANGA, 2008/2010, p.51).

As manifestações de racismo e preconceito também aparecem na narrativa de maneira bastante conflituosa e que interferem na busca da identidade da protagonista, resultando em autonegação de si e da sua cor. Tomamos como exemplo, o momento em que Geni brinca com outras crianças e é ofendida com xingamentos e adjetivos pejorativos que são marcantes na cena, após Geni descumprir o acordo que fez com os colegas para brincar no balanço:

-Ladrona! Você deu vinte, mais vinte, e mais uma. Boneca de piche, cabelo de Bombri! [...] Todos começaram a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bombri eram ofensas de rotina. . (GUIMARÃES, 1994, p. 45 -46).

No trecho acima é possível constatar que a autora retoma o tema do preconceito, a partir de uma situação de brincadeiras entre as crianças, alertando o leitor acerca dos impactos negativos que a criança, em especial a negra, poderá sofrer em sua autoestima:

[...] - Onde você estava sumida?
 -Na pra...no balanço com todo mundo.
 Quando eu vou pra escola?
 -O nome a gente dá agora, mas só entra mesmo no ano que vem.
 -Quem mais vai entrar?
 -Toda criança que tem mais ou menos a sua idade. O Toninho, o Flávio, a Ana. Muitas crianças.
 - E se no caminho, o Flávio me xingar de negrinha?
 (GUIMARÃES, 1994, p. 47).

Um dos principais objetivos da narrativa é alertar o leitor sobre as questões étnico-raciais presentes no país e proporcionar voz a uma população que durante muito tempo esteve à margem da sociedade, vivendo em situação desigual e desrespeitosa. Para isso, a autora buscou a criança que tem dentro de si, uma menina negra, pobre, inserida em um contexto social explorador e discriminatório. No entanto, outro ponto relevante e que merece destaque na obra é o desenvolvimento emocional e cognitivo da personagem.

A experiência da protagonista ao ingressar na escola é marcada por muita ansiedade, expectativas e questionamentos que perpassam seus pensamentos, como evidenciado no momento em que a mãe arruma a menina para ir para escola e Geni a surpreende com a pergunta sobre o que lhe acontece se for mal arrumada:

-Minha mãe trançava meu cabelo. Ela, sentada num banquinho que meu pai havia feito com os restos de um pilão, que, quando novo, triturava milho para as galinhas, e eu, de cócoras na sua frente, ouvindo silenciosamente.
 -Amanhã, seu cabelo já estará pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça pra não desmanchar. Não se esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava antes de sair.
 -Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê?- perguntei.
 (GUIMARÃES, 1994, p. 48).

A preocupação com a estética é marcada nesta passagem, pois há uma preocupação tanto da parte da mãe como da filha em mostrar uma imagem positiva e adequada aos padrões físicos estabelecidos na sociedade, há, no entanto, uma autonegação de si, da cor da pele, como pode se observar no trecho a seguir. “- Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até muco no nariz e... - Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase.” (GUIMARÃES, 1994, p. 48) e prossegue o pensamento:

[...]-A minha mãe recomendava e eu ia de lá para cá. Saia azul, blusinha branca. Alparcata nova nos pés. Pó-de-arroz por todo corpo.
 Nariz limpo.
 Eu era negra [...] a Janete branca... (GUIMARÃES, 1994, p.52).

Geni, assim como qualquer outra criança ao ingressar na escola, vive momentos de intensas descobertas, transformações, curiosidade, medo e ansiedade. É na escola que a personagem se depara com situações que oscilam entre sonho e realidade. Ações de preconceito e discriminação são recorrentes no ambiente escolar. Geni motivada pela emoção e pelo desejo de beijar a professora é rejeitada e tratada de maneira indiferente:

- Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo! Não havia tempo para mais dúvidas, só faltava eu.
 Levantei-me depressa, ergui os pés e encostei os lábios no rosto da mestra. Dei dois passos em direção à porta, esbarrei na mesa, enrosquei o cadarço da alparcata no pé da cadeira. Abaixei para me livrar do enrosco e olhei para trás.
 Dona Odete, com as costas na mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. (GUIMARÃES, 1994, p.55).

O trecho acima demonstra claramente uma manifestação de preconceito arraigado no seio da sociedade brasileira, e mais grave ainda, no ambiente escolar. É possível questionar

até que ponto, atitudes preconceituosas e discriminatórias podem afetar o desenvolvimento cognitivo, social, psicológico e cultural da criança discriminada, neste caso, da criança negra, pois, “são pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo, atribuindo significados a tudo que a cerca”, conforme destaca as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnicas-Raciais*, SECAD (2006) proposto pelo Ministério da Educação.

Outra situação de autonegação vivida pela personagem Geni, surge em “Metamorfose”. Este capítulo descreve o momento em que Geni planeja mostrar para sua professora um poema de quatro versos, que levava no bolso. Entretanto, a menina vive momentos de tensão e angústia, pois tem receio de não ser escolhida para ler seu poema no dia do evento planejado pela escola.

Ainda durante a leitura deste capítulo *Metamorfose*, podemos perceber que a autora/personagem Geni traz um paralelo entre a história “oficial” que trata do negro como sujeito escravizado, liberto pela princesa Izabel e a outra história, contada pela herança identitária dos sujeitos escravizados. Podemos perceber a primeira abordagem no trecho em que a professora explica para as crianças o significado das comemorações do 13 de maio:

- Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte [...] (GUIMARÃES, 1994, p.65).

Para Geni, a história contada pela professora era incoerente, não sendo, portanto, condizente com as lindas e tristes histórias da escravatura contadas para toda a criançada da vila, por Nhá Rosária, “uma velha senhora negra, que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Uns diziam que tinha 98 anos, outros, 112”. (GUIMARÃES, 1994, p.49).

Diante da explicação feita pela professora, que segue seu discurso sobre as condições do negro escravizado no Brasil, Geni se vê diante de um cenário que não lhe representa, sentiu-se surpresa, envergonhada, de modo a renegar a sua história, a sua identidade:

Vi que sua história não batia com as que nos fizera a Vó Rosária. Aquelas eram boas, simples, humanas, religiosas. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa que da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo. (GUIMARÃES, 1994, p.49).

É notório que Geni em sua infância teve dificuldade para se afirmar enquanto sujeito. O ambiente escolar, por sua vez, torna-se um lugar que não acolhe e não valoriza as diferenças, percebe-se claramente na postura da professora, o seu desprezo e dificuldade para lidar com a diversidade. Contudo, a realidade vivida por Geni na escola, tem um desdobramento em outros ambientes, impactando negativamente em sua relação com a história do seu povo, sua origem e sua cor.

Quando cheguei em casa, minha mãe falou:
-Seu almoço está em cima do fogão[...] Destampeí vasilha e comecei a remexer a comida. Separei os grãos de feijão preto com o cabo da colher e atirei-os no meio das labaredas que mantinham aceso o fogão.

(GUIMARÃES, 1994, p.69).

É necessário chamar atenção para o fato de que a autorrejeição está presente na infância de Geni, a tal ponto, que o leitor se choca, ao deparar-se com a cena em que a personagem tenta remover o negro da pele, utilizando pó advindo da trituração de tijolos.

A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparo e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo.
Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.

(GUIMARÃES, 1994, p.69).

A questão da formação da identidade na infância é de suma importância para o sujeito em sua fase adulta, pois na infância este sujeito se depara com as primeiras experiências de vida, advindas de seu grupo social: Família, escola e começa a construir sua visão do mundo que a cerca. Quando a criança negra é inserida num grupo social diferente da família, ela se depara com uma diversidade social.

Propusemo-nos a buscar na obra *A cor da ternura*, de pendor autobiográfico, a história de vida da menina Geni. Conforme as análises, sua infância é marcada por desafios, conflitos, autorrejeição e exclusão, por conta da sua cor. Entretanto, a identidade de Geni vai sendo firmada conforme seu amadurecimento, em meio à superação de preconceitos e especialmente, motivada pelo sonho de se tornar professora e de proporcionar felicidade ao seu pai:

“pai o que mulher pode estudar? – Pode ser costureira, professora [...] - Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.
-Vou ser professora – falei num sopro.

Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias.
 -Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. –olhou-me com ar de consolo. - Bem que inteligência não te falta.
 -É pai. Eu vou ser professora.
 Queria que ele se esquecesse das durezas da vida. (GUIMARÃES, 1994, p.72).

Constata-se que além da cor de sua pele, a questão de gênero é apresentada como obstáculo para a personagem em análise, que além de ter uma infância marcada por situações conflituosas e excludentes, passará também por outras situações que interferirão em sua vida adulta, conforme será analisada em um dos capítulos intitulado *Mulher*.

2.3 TRAÇOS DA LITERATURA INFANTIL AFRO- BRASILEIRA EM A *COR DA TERNURA*

O livro *A cor da ternura* da autora e personagem Geni Guimarães, apresenta características da literatura afro-brasileira, destacando outro olhar para a problemática das questões étnico-raciais e, sobretudo, trazendo duas vertentes acerca da história dos afrodescendentes: A “oficial”, aquela registrada na historiografia do Brasil, nos manuais de história, que descreve os escravos negros, e aquela, por herança identitária dos sujeitos escravizados, estes contos transmitidos pela oralidade materializada na cultura explicitando as manifestações populares, as crenças e os hábitos oriundos do povo negro ou afrodescendente.

A literatura afro-brasileira vem, ao longo de sua trajetória, reconfigurando a maneira de transmissão, sendo difundida e escrita não somente sob um viés observador das vivências do negro, mas, sendo também escrita por aqueles que, além de vivenciar, atuam ficcionalmente em seus próprios textos, tornando-se assim sujeitos de seus escritos e das ações representadas.

Quando afirmamos que o negro se tornou sujeito de suas ações, queremos salientar que a produção brasileira contemporânea mostra-se diversificada, outros autores e outras obras estão surgindo, com outro olhar sobre a produção literária infantil e sua forma de abordagem.

Nessa literatura negra que emerge, destacam-se alguns autores que escrevem para crianças e que abordam questões étnicas, raciais, culturais, dentre eles destaca-se Geni Guimarães, com a literatura infanto-juvenil, que possibilita ao leitor mirim um contato com histórias voltadas para a criança, em especial a negra, de modo a oportunizar a criança o contato, o conhecimento de parte da cultura brasileira, auxiliando-a no processo formador e intelectual que conseqüentemente possibilitará diversas posturas diante da temática, seja ela

de pertencimento, reconhecimento ou até mesmo pelo fato de conhecer parte de nossa diversidade cultural.

Rosane Maria Cardoso, em seu estudo em *Poéticas da inclusão e fruição leitora na literatura infantil contemporânea*, expõe exatamente essa necessidade da literatura infantil contemporânea acerca dos conflitos sociais, nos quais a criança está inserida:

Atualmente, a literatura direcionada ao público infantil se distancia do excesso de fantasia. Ainda que o maravilhoso seja plenamente válido na leitura para crianças e o simbolismo continue sendo fundamental para que ela possa identificar-se com os rituais de passagem presentes nos textos, também é verdadeira a necessidade de a criança conviver com narrativas próximas à sociedade e aos seus próprios conflitos. A identificação não se dá apenas no nível psicológico, mas também com o seu entorno real, colocando-o frente a frente com o seu papel social. (CARDOSO, 2011, p.6).

A literatura encontra-se diversificada, alterou-se, talvez, o final feliz da princesa, necessariamente a princesa não tenha de usar vestidos longos, comer maçã, ficar adormecida e/ou ser enfeitada ou até mesmo acordada por um beijo do príncipe. Nem sempre a história precisará vir com uma lição de moral em seu final. Muda-se a princesa, a linda princesa pode ser uma história emocionante no campo, com outros desafios.

Em *A cor da ternura* a autora retoma seu tempo de menina, de quando morava na fazenda com seus pais, o enredo é marcado por um ambiente rural, Geni, enquanto autora convida o leitor para uma nova maneira de viajar, ao buscar em sua trajetória fictícia envolver o leitor com pensamentos das personagens, alguns movimentos, questionamentos, coisas comuns à criança ao longo de sua formação e que chega muito próximo da realidade infantil.

No decorrer da narrativa podemos perceber que existem desafios para que Geni viva sua negritude, o seu meio de convívio familiar bem como a escola e as histórias orais contadas foram espaços determinantes para seu desenvolvimento.

A representação da personagem foge daquilo que estávamos acostumados a ver nos contos tradicionais infantis, vejamos no trecho a seguir como autora descreve e exemplifica como eram importantes as histórias contadas pelas pessoas mais velhas como forma de conhecer a cultura dos antepassados:

Nhá Rosária era uma velha senhora negra, que morava numa fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que morava com aquela família, nem qual sua idade certa.

Uns diziam que tinha 98 anos, outros, 112.

Quando a ela era perguntado, respondia meio sem jeito:

- Só meu filho sabe.

-E onde está seu filho? – insistiam alguns.

[...]

A verdade é que, quando a Vó Rosália – assim a chamávamos – chegava, já vinha toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias. [...] Chegamos quando ela dizia:
-[...] só com um risco no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. [...] (GUIMARÃES, 1994, p.-49).

A forma como Geni discorre em sua narrativa o comportamento das crianças e a abordagem do assunto sobre a escravidão contempla esta literatura que diversifica e que não se preocupa tanto com o entornos psicológicos, mas com acontecimentos reais que justificam a diversidade de uma cultura negra.

Diante desses fatores condicionantes equivale aqui compararmos histórias que já permeiam há muito tempo o nosso imaginário, vejamos agora um trecho da história da *Branca de Neve e os sete anões*:

No meio do inverno, quando a neve caía em grande flocos, uma certa rainha sentava-se trabalhando ao lado de uma janela com um lindo caixilho de ébano negro, e distraída que estava admirando a neve, espetou o dedo e deixou cair três gotas de sangue. Ela olhou, então, pensativamente para as gotas vermelhas que suplicaram a alvura da neve e disse, “Gostaria que minha filhinha fosse branca como a neve, vermelha como o sague e negra como a moldura de ébano da janela!” E assim a garotinha nasceu: sua pele era branca como a neve, suas faces rosadas como o sangue e seu cabelo negro como ébano; e ela foi chamada Branca de Neve. (GRIMM, 1785-1863, p.89).

A história da *Branca de neve e os sete anões* traz em seu discurso um padrão de representação e beleza, descritas pelos traços físicos da personagem e que se propagou esta representação também nos contos de fadas adaptados e que tivemos acesso no Brasil logo que se projetou uma literatura infantil. Apesar de ser ficção, o contato da criança apenas com essa literatura, desenvolve aspectos cognitivos que atravessam toda sua infância e, se esta criança for negra, não conseguirá se sentir incluída socialmente, nem pertencente às histórias e narrativas que lê.

Outro exemplo, podemos comparar a partir da análise de um dos trechos de uma das histórias mais conhecidas de Monteiro Lobato, em *Histórias da Tia Nastácia*, vejamos como o negro, no caso uma mulher negra, é representada, diferindo dos demais personagens:

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emília, que andava rondando por ali:
— Vá perguntar a vovó o que quer dizer folclore.
— Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor. Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.
— Emilinha do coração — disse ele — faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, tetéia?
Emília foi e voltou com a resposta.

— Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

— Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

— Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

— As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?

Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia. (LOBATO, 1882-1948, p.7).

A partir da análise deste pequeno fragmento da obra *Lobatiana*, percebemos que de imediato causa uma impressão de preconceito, a visão que as crianças têm sobre tia Nastácia a coloca em posição estereotipada e preconceito, uma vez que tida como do povo, povo este que repassa através da oralidade suas histórias, neste caso uma contadora de histórias, negra é comparada a escravo.

Com estes exemplos pode-se dizer que, a literatura infantil afro-brasileira, que a obra de Geni Guimarães representa, dentre outras obras que começam a surgir nesta perspectiva, o negro, colocando-o em um papel importante, apresentando exatamente em sua forma natural de ser, expondo sua forma física, sua cor, seu cabelo, sua oralidade, sua identidade.

Esta consciência de buscar visibilidade do sujeito negro enquanto detentor da própria voz surge na literatura afro-brasileira como proposta de falar também por aqueles que durante séculos não tinham voz e nem consciência de sua raça e de sua cor, assim entendemos que Geni Guimarães, utiliza sua produção literária, como um veículo importante em prol de trabalhar a consciência do público leitor na esperança de minimizar o preconceito contra si, contra o povo negro ou os afrodescendentes.

Encontramos em *A cor da ternura*, vários traços e características de uma literatura infantil afro-brasileira, um desses traços é bastante marcante pela voz de sua autora Geni Guimarães, por tratar-se de uma escritora negra, que assume um discurso comprometido com sua origem e a dos afrodescendentes, contribuindo para erradicar o preconceito e o racismo cristalizado em nossa sociedade.

Outro traço marcante na obra é a questão da busca pela afirmação da identidade étnica e representação. Se considerarmos que a representatividade é um dos elementos importantes da construção da autoimagem positiva de uma criança, ao observarmos a

produção literária infantil que imperou durante séculos, por exemplo, chegaremos à conclusão de que nem todas as crianças se identificavam ou se viam representadas nas histórias, marcada por um padrão excludente, limitado e que contribuiu para a invisibilidade de crianças de outras etnias, particularmente, a negra.

Assim, entendemos que *A cor da ternura*, surge com uma proposta diferente, proporcionando à criança negra um contato, desde a infância com uma produção que trata da sua realidade, fazendo sentir-se representada, que a identifique, contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento de sua autonomia e formação de sua identidade, sem traumas.

A literatura afro-brasileira vem romper com um cânone literário dominante, desconstruindo uma ideia de uma literatura marginalizada, sem importância, restrita e contextualizar histórias que demonstram força, resistência e propagação de orgulho da negritude.

Para reforçar os aspectos e o surgimento desta literatura infantil afro-brasileira, as estudiosas Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), assinalam:

Contemporaneamente alguns dos textos dirigidos ao público infantil e juvenil buscam uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias as religiões e a tradição oral africana. (SOUZA E LIMA, 2006, p.188).

Podemos então reunir em *A cor da ternura* as questões ancestrais, a valorização do negro, da tradição oral como fator positivo mesmo que a protagonista da história tenha passado por preconceitos, exclusões, há um reconhecimento e uma ruptura com os padrões e histórias escritas anteriormente.

Portanto, entendemos que ao materializar em sua narrativa e provavelmente em outras obras produzidas pela autora, os enfrentamentos, os desafios e os pormenores de vidas marginalizadas principalmente em função da cor da pele, Geni Guimarães acaba por exercer um papel muito significativo com sua escrita comprometida com as questões étnicas e afrodescendentes, contribuindo provavelmente para o fortalecimento das políticas de ações afirmativas, pois a autora demonstra ter plena consciência, do papel que a literatura pode exercer dentro da sociedade.

CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa para este trabalho, notamos a existência de um campo vasto acerca da produção literária destinada à criança, não somente a literatura infantil brasileira propriamente dita, mas também a literatura infantil afro-brasileira, sendo esta uma espécie de ruptura dessa literatura infantil brasileira marcadamente eurocêntrica.

A literatura infantil no decorrer dos séculos traduziu valores históricos, culturais e ideológicos das sociedades ocidentais em diferentes épocas e contextos sociais. Despertando interessados em discutir sobre suas especificidades, pois a literatura infantil carrega consigo diferentes abordagens, concepções e finalidades, desde o caráter moralista, religioso e pedagógico ao aspecto lúdico.

A literatura voltada para crianças tem influenciado na formação identitária e social destas, uma vez que o livro infantil foi desde muito tempo e, já na primeira infância, objeto de iniciação ao mundo da fantasia, tendo funcionado também como um dos instrumentos de representação simbólica das ideologias, crenças e de valores transmitidos pelas sociedades.

No Brasil, o surgimento desta literatura, ganhou forma através de adaptações e traduções de obras estrangeiras destinadas aos pequenos leitores, em virtude dessa origem, carregava consigo uma representação eurocêntrica. Os primeiros textos publicados no país baseavam-se nos ideias de uma burguesia em ascensão, inspirados num modelo de sociedade que buscava um processo de modernização, civilidade e branqueamento da população brasileira.

Algumas dessas utopias e ideologias influenciaram na produção literária brasileira e serviram de matéria-prima para as obras de muitos escritores brasileiros, inclusive na produção literária infantil, contribuindo assim para a disseminação de ideias e de valores que traduziam os interesses da sociedade da época, mas que, ao mesmo tempo, desencadeou e resultou em um processo de fortalecimento de atitudes de exclusão e apagamento da história e da diversidade étnica e cultural do país.

Muitas produções infantis estrangeiras circulam até os dias de hoje em diversos espaços sociais, dentre eles, a escola, como os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen. Obras que representam a sociedade europeia hegemônica, que propagavam ideais de beleza e de vida pautadas em princesas, reis e fadas, demarcando valores e prevalecendo em sua maioria a luta entre o bem e o mal.

No decorrer da pesquisa, buscamos não contestar o valor da literatura infantil tradicional, porém foi importante recorrermos ao percurso da literatura infantil brasileira a fim

de compreendermos os aspectos históricos e socioculturais que influenciaram para a constituição de uma literatura afro-brasileira.

A intenção do trabalho foi analisar a representação da história do povo negro na literatura infantil brasileira, circunstância que colaborou para a construção de uma imagem distorcida, estereotipada dos afrodescendentes, que se perpetuou o imaginário da sociedade brasileira, e em especial da criança negra, influenciando de forma negativa a formação de sua identidade.

Percebemos atualmente, resultados positivos das lutas do movimento negro, que tem buscado a visibilidade e o reconhecimento das origens dos afrodescendentes, como por exemplo, a publicação da Lei 11. 645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. É fato que a sociedade e a educação começaram a partir dessas mudanças a assumir um discurso em defesa da valorização da história e da cultura negra.

Entretanto, parece-nos que se travou uma luta acirrada entre o que se predominou no imaginário das pessoas de um lado, acerca da imagem do negro, marcado pela sua representação estigmatizada, distorcida, e por outro lado, o negro buscando reafirmar a sua identidade étnica e resgatar sua autoestima, assumindo um discurso de valorização e de sentimento de pertença.

A ausência da valorização das características físicas e culturais dos negros na literatura infantil brasileira concorre para a rejeição das crianças negras, de sua ancestralidade, de seus símbolos, prejudicando assim sua identidade em formação. Em meio a esse panorama desolador surgiram diversos escritores e escritoras interessados em mobilizar o senso não só estético, mas também reflexivo das crianças e jovens leitores, despertando-os para a realidade brasileira do preconceito e exclusão, a partir da ficcionalização das questões étnico-raciais. São escritores como Geni Mariano Guimarães, que tratam da temática, assumindo uma nova postura, na qual se evidencia o negro como protagonista de sua história e que rompe com os padrões eurocêntricos dominantes. Vislumbra-se um novo discurso da escritora com uma nova forma de abordagem, contemplando de forma significativa a história do negro, sob a perspectiva da representação de uma literatura infantil afro-brasileira.

Nota-se que as discussões sobre literatura infantil afro-brasileira estabelecem conexões com o contexto histórico e sociocultural que marcaram e continuam a marcar a sociedade brasileira, a partir do século XIX. Entretanto, os estudos sobre esta linha de ruptura na literatura infantil brasileira, recentemente, passaram a ter mais relevância e notoriedade nos

meios acadêmicos, porém sem muita visibilidade ainda, no mercado editorial, se comparada às publicações da literatura infantil tradicional.

Com o surgimento destes escritores comprometidos em representar o negro numa perspectiva de valorização de sua história, de sua cultura, e da ancestralidade, a literatura infantil afro-brasileira, mostra-se em sua fase de construção, como uma alternativa de representar, vislumbrar, compartilhar e propagar a relevante contribuição do povo negro para formação da sociedade brasileira, vindo a contribuir para a formação identitária da criança negra.

Quando voltamos os nossos olhares para a literatura infantil afro-brasileira e a escolhemos como norteadora de nossa pesquisa, pensamos, grosso modo, se existiria uma literatura infantil afro-brasileira. E nesse processo, vislumbramos *A Cor da Ternura*, de Geni Guimarães, como um referencial. Sob essa perspectiva, entendemos que a autora traz uma representação da criança de forma singular como em qualquer obra infantil, entretanto Guimarães, além de destacar aquilo que é inerente à criança como brincar, imaginar, criar, questionar, ela proporciona a personagem protagonista e ao leitor, um contato com a cultura oriunda dos afrodescendentes, tais como suas memórias, suas crenças, sua cultura e suas histórias. Assim, compreendemos que a criança negra tem acesso a uma nova maneira de representação nas histórias infantis, pois se trata de narrativas que contemplam de forma significativa a sua realidade despertando-as para o sentimento de pertença.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2º edição. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1981.

BARREIROS, Ruth Ceccon. **Leitura e formação identitária na literatura infantil afro-brasileira**. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem UNIOESTE – Cascavel. Anais...Cascavel: UNIOESTE, 2010. Disponível em <[cac-php.unioeste.br/.../ ...](http://cac-php.unioeste.br/.../...)> Acesso em 25 jun. 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª Edição –PAZ E TERRA – 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/apsicanalisedefadas.pdf>>. Acesso em 23 de agosto de 2014.

BRASIL, **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CARDOSO, Rosane Maria. **Poéticas da Inclusão e fruição leitora na literatura infantil contemporânea** In; XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Des) igualdades –Universidade Federal da Bahia (UFBA)- disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316228385_ARQUIVO_ultimaversaoXICONLAB.pdf ... <Acesso em 22 de abril, 2015.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: Visão Histórica e crítica**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1985.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil. Teoria e prática**. 18. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

FILHO, Proença Domício. **A Trajetória do negro na literatura brasileira**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 22 de março de 2015.

GHIRALDELLI, Jr Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo. Brasiliense, 5ª edição, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. Aletria, Minas Gerais. 2002. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 02 jul. 2013.

GRIMM, Jacob, 1785-1863. **Contos de fadas/Irmãos Grimm**; tradução Celso M. Paciornik; apresentação Silva Oberg.- 5. Ed. 3 reimpressão – São Paulo: Iluminuras, 2008.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**-9ª ed. São Paulo: FTD, 1994.

HORTA, Marina Luiza. **Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima**. Portal Literafro – Revista da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/heloisapires/heloisacritica01.pdf>. Acesso em 15 de jul. 2013.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias**. 6ª edição, Editora Ática, São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/225343-LAJOLO-> Acesso em 04 de maio 2014>.

LOBATO, Monteiro, 1882-1948. **Histórias da Tia Nastácia**/ Monteiro Lobato; [ilustrações de capa e miolo Manoel Victor Filho]. —São Paulo: Brasiliense, 2004. —(Sítio do Pica-Pau amarelo).

MUNANGA, Kabengele. CADERNOS PENESB-Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira Faculdade de Educação – UFF n. 10, janeiro de 2008/junho de 2010. Disponível em <<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/PENESB%2010.pdf>>. Acesso em 15 de maio 2015.

PARANÁ: SEC. PR. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Disponível em: <<http://www.cee.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo>>. Acesso em: 18 de jul.2015.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de estudos da criança, (2002).

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. **Oswaldo de Camargo: o lugar de identidade, resistência e afirmação de uma poética de autoria negra na literatura brasileira¹**. Opará - Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, ano 1, vol. 1, jan./jun. 2013.

SILVA, Luciana Cunha Lauria da e SILVA, Katia Gomes da. **O negro na literatura infantojuvenil brasileira**. Revista Thema, v.8, n. especial, 2011. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/106/54>> Acesso em: 23 jul.2013.

SOUZA, Florentina e LIMA Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira** (org.). Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília; Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Maria Elena Viana e OLIVEIRA Iolanda de. **Educação e população negra: Contribuições para a educação das relações étnico-raciais**. Cadernos PANESB (Programa de Educação Sobre o Negro da Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, nº 9, p. 12-13, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no Livro Didático** . In: MUNANGA, Kabengele (org.) Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2005, p. 23-24.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. -2.ed. rev. –Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

WENZEL. Maria Cristina Rosa. **A concepção de infância na literatura infantil**. V. 11, nº 1, 2006. Artigo publicado no SIBI: sistema integrado de bibliotecas universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 18 de Julh. 2015.